

Brasil quer rever acordo da dívida

O embaixador Marcílio volta aos EUA para tentar novos empréstimos

JOÃO BORGES

RIO — O embaixador do Brasil nos Estados Unidos, Marcílio Marques Moreira, depois de seis dias de visita ao País, onde manteve sete encontros reservados com o presidente José Sarney, voltou ontem a Washington com a incumbência de reabrir as negociações para rever o acordo da dívida externa brasileira. Como objetivo imediato, a partir de gestões junto ao governo norte-americano, Marcílio quer obter de nossos credores a garantia de novos empréstimos, ponto que o governo brasileiro considera fundamental para dar sustentação ao plano de verão que será anunciado nos próximos dias.

"O ministro Mailson vai estar muito ocupado nas próximas semanas com o lançamento e acompanhamento do plano e o presidente, então, resolveu me passar essa missão", disse o embaixador a bordo do avião que o levou de Brasília ao Rio, no final da manhã de ontem. Marcílio afirma que é perfeitamente possível ao País obter este ano perto de US\$ 4 bilhões em dinheiro novo, valor que seria suficiente para reduzir a transferência de divisas ao Exterior a níveis compatíveis com o propósito de lançar as bases para a retomada do crescimento econômico.

Tendo como ponto de partida, nas negociações o governo norte-americano, incluindo contatos com a administração Reagan e a equipe do presidente eleito George Bush, que toma posse dia 20, o embaixador já cunhou uma nova modalidade de operação financeira para amarrar o plano de verão à entrada de dinheiro novo: "Colchão de garantia". Seria a antecipação de desembolsos que depois sairiam de negociações envolvendo as entidades multilaterais de créditos, as agências oficiais e os próprios bancos privados.

AMÉRICA LATINA

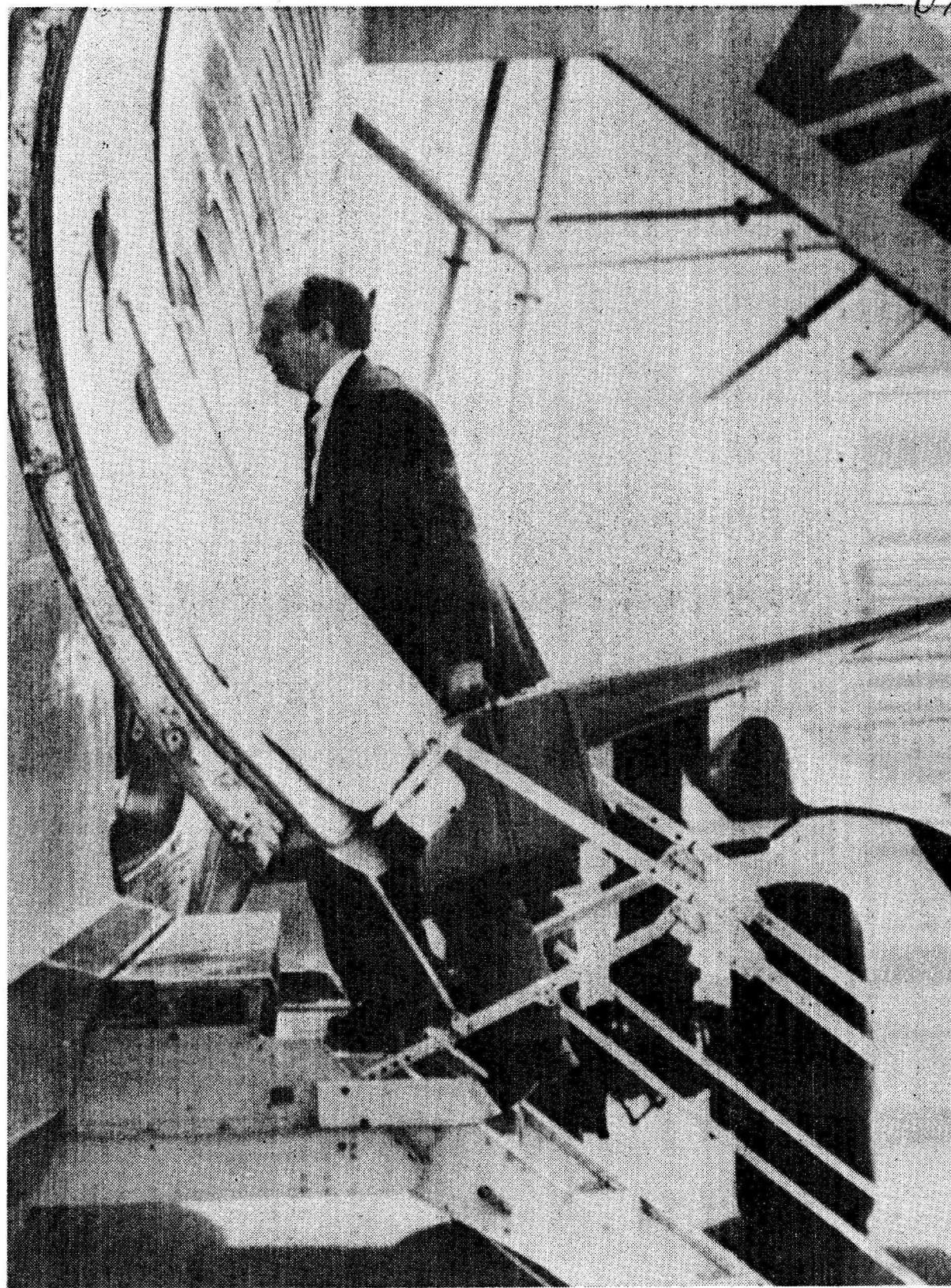
O governo brasileiro está apostando todas as suas fichas

na orientação que o presidente George Bush quer dar à questão da dívida externa da América Latina. Marcílio acha que "há um ambiente muito favorável" a que se remova um dos grandes obstáculos a uma solução mais profunda do problema: a revisão da legislação e regulamentos do setor financeiro americano. A decisão de Bush de discutir a dívida externa não só dentro da Secretaria do Tesouro, mas do Departamento de Estado e Conselho de Segurança Nacional, na visão do embaixador, é um sinal forte de que são firmes as intenções de um tratamento político para a dívida.

Dentro desse contexto, será realizada a reunião dos sete presidentes latino-americanos, em Caracas, por ocasião na posse do presidente Carlos Andrés Pérez dia 1º que terá como tema principal a discussão do documento redigido pelos ministros da Fazenda desses países, durante a reunião dos dias 11 e 13 de dezembro, no Rio de Janeiro. Aprovado formalmente o documento, será articulado um encontro desses presidentes com George Bush.

Do Cardápio que Marcílio levou para Washington, consta ainda a ampliação do sistema de bônus de saída, que, pelo acordo da dívida, ficou limitado a mais ou menos US\$ 1 bilhão, para permitir a saída dos pequenos credores do processo de negociação. Segundo o embaixador, a idéia é ampliar esse mecanismo para os grandes bancos credores. Ele afirmou que os bancos estão propensos a aceitar a redução do estoque da dívida por algum mecanismo que garanta a liquidez do novo título, porque a relação ativo/capital melhora.

O embaixador disse ainda que o Brasil poderá negociar a limitação do pagamento dos juros. Um fundo multilateral, que poderá ser criado, financiará o pagamento dos juros, a partir do momento em que ultrapassarem determinado valor previamente acertado entre credor e devedor. Não descartou a possibilidade de que o pagamento do serviço da dívida venha a ser contingenciado, para evitar a vulnerabilidade do balanço de pagamentos.



José Paulo/AE

Marcílio embarca em Brasília para o Rio: US\$ 4 bilhões para retomar o crescimento